

“A GINÁSTICA ALEMÃ”: ASPECTOS DA OBRA DE FRIEDRICH LUDWIG JAHN

MS. EVELISE AMGARTEN QUITZAU
Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação,
Universidade Estadual de Campinas (Campinas – São Paulo – Brasil)
E-mail: eveliseaq@yahoo.com.br

RESUMO

O século XIX marca, na Europa, o advento das primeiras sistematizações dos exercícios físicos. Na Alemanha, um dos mais importantes manuais sobre essa temática foi publicado por Friedrich Ludwig Jahn, em 1816, sob o título Die Deutsche Turnkunst (A Ginástica Alemã), cujo conteúdo era fortemente carregado por ideais políticos. O objetivo deste trabalho é estabelecer uma aproximação com esta obra de F.L. Jahn.

PALAVRAS-CHAVE: História da ginástica; Alemanha; Turnen; Jahn.

INTRODUÇÃO

O século XIX marca um período de profundas transformações no continente europeu, derivadas especialmente da Revolução Industrial e da Revolução Francesa. Estas revoluções não tiveram desdobramentos apenas nos países em que aconteceram, mas ecoaram por diferentes territórios europeus, afetando-os de diferentes maneiras conforme seus contextos únicos. É o caso, por exemplo, da Alemanha.

À época dessa chamada “dupla revolução” (HOBBSAWM, 1989), a Alemanha, ainda era um território completamente fragmentado. Enquanto França e Inglaterra, protagonistas da dupla revolução, já haviam alcançado uma unidade política e o *status* de Estados nacionais, a Alemanha via-se completamente dividida, tanto em aspectos geopolíticos, quanto religiosos e sociais. Cada um de seus diversos principados autônomos possuía seu próprio conjunto de leis, suas especificidades culturais, tendo como elemento comum apenas a utilização do idioma alemão. Essa fragmentação, embora dificultasse a circulação de ideias, não excluiu a Alemanha das mudanças culturais pelas quais o continente europeu passava. Assim, da mesma forma que na França e na Inglaterra, também se observa nos territórios alemães desse período mudanças como a migração populacional do meio rural para o meio urbano, o advento de uma tímida industrialização (ainda que em proporções muito menores do que na Inglaterra) e de novas teorias de administração pública.

Dentre as mudanças ocorridas neste período, observa-se o desenvolvimento de novos olhares sobre o corpo, tanto por parte de médicos, quanto de pedagogos. O corpo passa a ser visto como um elemento-chave para o pleno desenvolvimento da nação, e fortalecê-lo, revigorá-lo, passa a ser um imperativo das teorias médicas e pedagógicas do final do século XVIII e início do século XIX. Observa-se, então, o advento de uma literatura higienista na qual o *exercício físico* ganha destaque como “derivativo, de natureza espiritual e psíquica, para a monotonia do seu trabalho e uma compensação higiênica para as más condições sanitárias” (PEREIRA, s/d, p.250).

Segundo Soares (2001), no início do século XIX surgem na Europa diferentes formas de se olhar para os exercícios físicos, sistematizando-os a partir dos preceitos científicos em voga. Denominadas “escolas ginásticas” ou “métodos ginásticos”¹, dentre as quais se podem destacar a alemã, a sueca e a francesa, têm como objetivos comuns

regenerar a raça (não nos esqueçamos do grande número de mortes e doenças); promover a saúde (sem alterar as condições de vida); desenvolver a vontade, a coragem, a força, a energia de viver (para servir à pátria nas guerras e na indústria) e, finalmente, desenvolver

1. Sobre o tema ver: Langlade e Langlade (1970), Pereira (s/d) e Soares (2001).

a moral (que nada mais é do que uma intervenção nas tradições e nos costumes dos povos). (SOARES, 2001, p.52)

Na Alemanha, onde, assim como nos outros países, a ginástica também “incorporará e veiculará a ideia da hierarquia, da ordem, da disciplina, da fixidez, do esforço individual, da saúde como responsabilidade individual” (SOARES, 2001, p. 14), o primeiro manual sobre esse tema foi publicado ainda no final do século XVIII pelo pedagogo Johann Christoph Friedrich Guts Muths (1759-1839) sob o título *Gymnastik für die Jugend* (Ginástica para a Juventude)². Nele, a educação física, em harmonia com a educação espiritual e intelectual, é defendida com base nas teorias da polícia médica³ e nos preceitos educacionais expostos por Rousseau em “*O Emílio, ou da educação*”. Essa obra de Guts Muths, que também teve repercussão em outros países (LEONARD, 1927), influenciou a elaboração de outro manual de ginástica que ganharia grande destaque na Alemanha ao longo do século XIX e que é o objeto deste artigo: *Die Deutsche Turnkunst*, de Friedrich Ludwig Jahn, cujo conteúdo apresenta-se explicitamente mais ligado a ideais políticos.

JAHN E SUA “GINÁSTICA ALEMÃ”

À época da Revolução Francesa, o império alemão encontrava-se altamente devastado devido não apenas às dificuldades derivadas de sua fragmentação política, mas a problemas oriundos da Guerra dos Trinta Anos e às constantes campanhas militares às quais foi exposta por Frederico II, rei da Prússia. Tal situação contribuiu para que, a princípio, a invasão francesa fosse considerada uma “tempestade purificadora” (ROCKER, 1949) pela população alemã. Muitos intelectuais e artistas alemães celebraram o acontecimento como “o maior feito do século” (SHEEHAN, 1989, p.210), e lamentaram a relativa passividade que observavam em seu próprio país. Mesmo Fichte, visto como um dos grandes defensores do germanismo (ROCKER, 1949) também se demonstrou, inicialmente, favorável aos eventos oriundos do país vizinho. Este entusiasmo, entretanto, aos poucos foi se convertendo numa aversão aos franceses. Os altos custos da ocupação militar e o comportamento das tropas napoleônicas, bem como as políticas revolucionárias com relação à religião foram fatores geradores de certa animosidade que logo se desdobrou em sentimentos anti-franceses, um dos pilares do movimento nacionalista alemão.

2. Sobre o manual de ginástica de Guts Muths, ver: Tesche (2002) e Quitze (2012)

3. A polícia médica constituía-se como um mecanismo de controle dos níveis de saúde da população, baseado na observação de aspectos como os níveis de morbidade e epidemias, bem como na padronização das práticas médicas. Sobre o tema ver: Rosen (1980) e Foucault (2008).

Fichte, que antes se mostrara um entusiasta da Revolução, paulatinamente muda seu conceito sobre os eventos franceses a partir do momento em que percebe um constante aumento de poder de Napoleão – o qual considerava um aniquilador da revolução – e que começa a se identificar cada vez mais com a Prússia, chegando, mais tarde, a ser considerado como a personificação do “patriotismo em sua forma mais pura e intelectualmente potente” (SHEEHAN, 1989, p.377). Este filósofo estabelece uma crença numa suposta “originalidade” do povo e da cultura germânica, o que faz com que um considerável número de intelectuais alemães do início do século XIX volte-se para a busca do que consideravam serem as raízes da verdadeira cultura popular alemã, tentando resgatar uma dada mitologia original do país, bem como seus contos e canções populares. Este princípio de “pureza” da cultura alemã constitui um pilar fundamental do movimento nacionalista que se desenvolve no país neste período.

Para Kitchen (2007), o nacionalismo implica uma nação real ou imaginária, podendo ser baseado numa língua, etnicidade ou cultura comum. No caso alemão, o nacionalismo era marcado, basicamente, pela oposição direta à França e pela luta contra a dominação estrangeira, especialmente, sobre os aspectos culturais do país. Desenvolve-se uma identificação muito forte entre nacionalidade e língua, levando autores como Arndt⁴ a afirmar que “a única fronteira legítima é a língua” (SHEEHAN, 1989, p.381). Para Hobsbawm (2008), era exatamente o fato de o conceito de “Alemanha” deste período ser puramente cultural que instigou a devoção à língua como marcador nacional: ela era o único elemento de coesão entre todos os estados que compunham o território germânico.

Segundo a concepção de Arndt, era necessário que houvesse elementos de identificação com a nação, rituais e símbolos a partir dos quais a identificação nacional pudesse ser expressa, desenvolvida, estimulada. Neste processo de criação de um simbolismo nacional, Arndt defende uma série de cerimônias, monumentos, festivais e até mesmo um estilo “germânico” de se vestir e comportar que tornassem as pessoas cientes de seu pertencimento a este povo alemão. Em seus empenhos para organizar os movimentos nacionais, Arndt conquista o apoio de Friedrich Ludwig Jahn (1778-1852).

Filho de um pastor luterano e de uma devota religiosa, Jahn nasceu na pequena cidade prussiana de Lanz, e, segundo Poliakov (1968, p.326), desde

bem cedo deu provas de um caráter arrebatado e instável e mostrou-se renitente aos estudos; expulso sucessivamente de várias universidades, até os 25 anos levou uma existência

4. Ernst Moritz Arndt (1769-1860), poeta alemão, participou do movimento nacionalista alemão ao lado de Jahn. Compartilhava com Herder a crença de que o único legitimador da nacionalidade era a língua e, com Fichte, a crença na pureza da cultura alemã (SHEEHAN, 1989).

miserável e vagabunda. Exibia uma grosseria (segundo ele, conforme a retidão alemã) de que não se separou por toda a vida. O bizarro atavio com que costumava se vestir e que chamava de “costume velho-alemão” caminhava lado a lado com suas outras idiossincrasias.⁵

Na Universidade de Halle, estudou teologia, história da Prússia e da Alemanha e língua alemã, mas, segundo Leonard (1927), completou poucos dos estudos que iniciou. Após anos de constantes peregrinações pela Alemanha, no final de 1809, se estabelece em Berlim e passa a trabalhar como professor de história, alemão e matemática no *Gymnasium zum grauen Kloster*, mesmo colégio em que estudara e do qual fugira quize anos antes.

Na primavera de 1810, começa a levar seus alunos, nas tardes de quarta-feira e sábado, para caminhadas na Hasenheide, nos arredores de Berlim. O número de jovens que o acompanha cresce rapidamente, e Jahn passa a executar com eles jogos e exercícios simples, prática ao qual dá o nome de *Turnen*⁶. Embora alguns alunos tenham se dispersado, funda com os remanescentes⁷, em 1811, a primeira *Turnplatz* (praça ginástica), na Hasenheide.

Em 1813, Jahn e alguns de seus ginastas juntam-se aos exércitos voluntários de Lützow para participarem das chamadas “guerras de libertação” contra a França⁸. Permaneceram em Berlim apenas aqueles que não tinham idade suficiente ou aptidão física para lutar na guerra. Em seu lugar, deixa Ernst Eiselen, coautor de *Die Deutsche Turnkunst*, que não pudera ir à guerra devido a problemas físicos e que dá continuidade aos trabalhos na Hasenheide até o retorno de Jahn, em 1814. Neste mesmo ano, os ginastas voltam a se reunir para discutir e investigar a “essência do *Turnen*”, dando início, assim, ao processo de elaboração de *A Ginástica Alemã*. (JAHN, 1967)

Segundo Jahn (1967), “*A Ginástica Alemã*” foi publicada para atender à demanda de educadores e professores de escola, bem como de outras pessoas que se interessavam pelo *Turnen* e buscavam saber mais sobre esta sistematização. Assim,

5. Mesmo entre seus contemporâneos, Jahn suscitava opiniões controversas. Se, por um lado, havia aqueles que, como Bernhardi (diretor do *Gymnasium zum Grauen Kloster*), viam nele “um homem de imensa força de vontade, crente em tempos melhores, solícito, [...] aguardado pelos jovens, cujos corações abastecia com grande força, e que tinha o corpo formado com fervor e entusiasmos”, por outro lado havia aqueles que, como E.T.A. Hoffmann (jurista e escritor), o consideravam um “destemperado, fanático, sem tréguas contra seus opositores, não esclarecido com relação a suas opiniões e pontos de vista” (BARTMUIß, 1998).
6. Esta expressão será trabalhada de forma mais aprofundada a seguir
7. Segundo Sheehan (1989, p.383), essa sociedade de ginastas formada por Jahn, na Hasenheide, “misturava treinos paramilitares e falsos símbolos teutônicos com ideais clássicos de força corporal”.
8. A participação de Jahn e seus ginastas nas guerras de libertação, bem como a própria atuação do grupo a que se uniram, o *Lützower Freikorps*, foi elevada pelos nacionalistas a ponto de se tornar uma “memória histórica de ‘libertação’ que projetava seus próprios entusiasmos na nação” (SHEEHAN, 1989, p.386). Embora nessa construção a imagem que tenha ficado de Jahn seja a de um grande guerreiro, Poliakov (1968) aponta que este não passou de um “soldado deplorável”.

através de constantes correspondências, Jahn e Eiselen compõem este manual buscando divulgar o que era sua ginástica. Com capital próprio, publicam o livro a um preço baixo, por considerarem que uma obra que trate de assuntos relacionados “à juventude e à Pátria alemã não poderia ser utilizada com fins vaidosos, visando à obtenção de lucro” (JAHN, 1967, p.XII).

Ao escrever *A Ginástica Alemã*, Jahn não propõe simplesmente uma sistematização de exercícios físicos, mas sim uma recuperação de movimentos que, sob sua ótica, seriam importantes para a formação do cidadão e fariam parte da própria história do povo germânico. Desta forma, a ginástica é apropriada por ele como algo inerente ao povo alemão e, como tal, deveria ser banida de possíveis estrangeirismos.

Assim, Jahn segue uma “tradição cultural alemã” (CAMPOS, 1998, p.229) que apresenta uma tendência a proteger sua língua materna quando esta está “ameaçada” durante conflitos ou períodos em que a Alemanha estivesse sob domínio estrangeiro. Neste sentido, ele busca substituir o termo *Gymnastik*, de origem grega, até então utilizado no território alemão para se referir aos exercícios físicos, por *Turnen*. Para ele, a língua alemã era suficientemente rica e original, o que tornaria desnecessária a utilização de palavras estrangeiras para a denominação de uma “obra alemã” (JAHN, 1967, p.XX). De acordo com sua fervorosa argumentação em favor a preservação do idioma alemão,

a língua alemã associa pura originalidade com continuidade de formação, e antiguidade com alegria juvenil. [...] Sua grande riqueza em palavras originais lhe dá firme preponderância. (JAHN, 1967, p.XXII)

Jahn afirma buscar trabalhar como um “intérprete do eterno espírito da língua” (JAHN 1967, p.XXV), vasculhando nos primórdios da língua alemã sons considerados desaparecidos por seus contemporâneos. Assim, desperta novamente o vocábulo *turnen*, considerado “um som original” do alemão, cujo significado estaria ligado a *movimento*, e que teria registros escritos desde o século XI, quando fora usado por um monge em sua tradução dos salmos. Sendo uma “palavra original”, *Turnen*, que agora passa a ser utilizada para denominar esta sistematização de exercícios físicos de caráter essencialmente nacionalista, produz inúmeras outras palavras: o ginasta passa a ser chamado de *Turner*; a praça ginástica de *Turnplatz*; os jogos ginásticos de *Turnspiele*, e assim sucessivamente⁹.

Percebe-se, portanto, que o autor segue uma tendência muito forte entre os

9. Em *A Ginástica Alemã* são listados 69 destes novos termos e aponta-se para a possibilidade de formação de uma variedade ainda maior.

nacionalistas alemães do início d século XIX que é a busca por uma cultura “pura”, sem influências estrangeiras (CAMPOS, 1998), e que se inicia pela exaltação do idioma alemão. Há, entretanto, outra questão de fundamental importância em sua obra: a coletividade em nome do bem comum. Se filósofos do período como Fichte e Arndt defendiam o preceito de que a nação alemã se estenderia por todos os lugares onde se falasse o alemão, Jahn via o corpo como o caminho para a materialização desta nação, simbolizada nas sociedades ginásticas.

O *Turnen*, para Jahn, deveria “restabelecer a simetria perdida da formação humana, inscrever a verdadeira corporalidade à mera espiritualização unilateral, dar o necessário equilíbrio ao excessivo refinamento na reconquistada virilidade, e envolver e capturar a humanidade no convívio juvenil” (JAHN, 1967, p. 209). Sob sua ótica, enquanto houver a necessidade de uma vida corporal, haverá a necessidade de trabalhar este corpo, dando-lhe habilidade, resistência, persistência, coragem, atributos sem os quais ele facilmente mergulharia nas sombras da futilidade e do egoísmo. O *Turnen* destaca-se, assim, como um dos aspectos mais essenciais da instrução do indivíduo, como algo familiar ao povo e à Pátria, e como algo pertencente apenas às pessoas livres: “o corpo escravo é para a alma apenas uma jaula e calabouço” (JAHN, 1967, p.210).

Em suas praças ginásticas, cujos aparelhos – muitos deles copiados de Guts Muths – traziam uma mescla entre o mundo dos divertimentos e o treinamento militar, os ginastas podiam saltar, correr, puxar empurrar, equilibrar-se, aprimorando e desenvolvendo todo seu vocabulário corporal. Embora considere que “a praça de ginástica não é nenhum palco, e nenhum espectador tem o direito de esperar dela um espetáculo”¹⁰, as manobras e acrobacias dos ginastas certamente chamavam a atenção de quem por elas passava. Dessa maneira, preconiza que “os locais dos exercícios devem ser ordenados de tal forma que possam ser vistos de fora e apresentem-se da melhor forma aos espectadores” (JAHN, 1967, p.230). A praça de ginástica transforma-se, então, numa vitrine em que manobras, acrobacias, demonstrações de destreza física estariam intimamente ligadas à expressão do caráter, da moral, da vontade, do companheirismo.

Nos estabelecimentos de ginástica, os bons costumes deveriam ser ainda mais cultivados do que em qualquer outro lugar. As regras morais configurariam,

10. É interessante nos atentarmos a esta afirmação de Jahn negando sua ginástica como uma forma de espetáculo. Conforme aponta Soares (2002), grande parte dos exercícios que passariam a compor os métodos ginásticos desenvolvidos ao longo do século XIX teriam suas origens nos espetáculos de rua, no mundo dos divertimentos. A ginástica, como prática pautada na “ciência”, apropria-se destas acrobacias buscando dar-lhes um caráter utilitário e garantir que suas execuções apresentem certo grau de “segurança”, aspectos que não existiriam no mundo do circo, por exemplo. Amoros, precursor da ginástica francesa, afirma que seu “método e [...] exercícios param onde a utilidade cessa e onde começa o funambulismo” (SOARES, 2002, p.54).

conforme Jahn, o maior norteador da vida de um ginasta. Deste princípio surge o lema "*Frisch, frey, fröhlich, fromm* □ *ist des Turners Reichtum*"¹¹. (JAHN, 1967, p. 233). Os denominados "4F" de Jahn indicam que "a riqueza do ginasta é ser vivo, livre, alegre e devoto", ou seja, que o ginasta deveria sempre dedicar-se a um aprendizado profundo, ser assíduo, e não deixar-se levar por prazeres e divertimentos incoerentes à vida juvenil. Os jovens deveriam ser educados, através dos exercícios físicos, de forma a familiarizarem-se com a Pátria: o amor aos assuntos alemães deveria ser embutido na juventude, e aquele que defendesse questões "não-alemãs" deveria, segundo Jahn, ser expulso da comunidade ginástica¹². As praças de ginástica configurariam um local de aprendizado conjunto, de troca de conhecimentos e experiências que despertaria "todas as forças dormentes, proporciona[ria] confiança em si mesmo e esperança, que nunca mais deixa[riam] a coragem definhar" (JAHN, 1967, p.211). Tais atributos seriam obtidos na chamada *Turnplatz* a partir dos exercícios e jogos ginásticos.

Em *A Ginástica Alemã*, são detalhadamente descritos seus aparelhos e exercícios, os quais são divididos em 17 grupos: andar, correr, saltar, saltar sobre o cavalo, exercícios de equilíbrio, exercícios na barra fixa, exercícios na paralela, trepar/escalar, arremessar/lançar, puxar, empurrar, levantar, transportar, esticar, lutar, saltar arco e pular corda. Para cada um destes exercícios são descritas as posições do corpo, os aparelhos necessários para sua execução e exercícios preparatórios. Em alguns casos, algumas observações são feitas com relação à importância de determinado exercício para o corpo, bem como cautelas que devam ser tomadas e possíveis variações.

Tomemos o exercício do andar como exemplo. Para Jahn, andar é uma arte que exige a associação de velocidade e resistência a uma boa postura, levando-se sempre em consideração as propriedades do local por onde se caminha. O andar deveria ser ensinado desde a infância, buscando-se desde o início corrigir possíveis maus hábitos em sua execução. O bom porte da caminhada envolve uma postura de todo o corpo associada a passos ligeiros e firmes, que tocam o chão com toda a sola e com os pés sempre alinhados, nunca virados para dentro ou para fora. O movimento dos braços não pode ser exagerado, devendo ocorrer muito mais com os antebraços. Durante a caminhada, as mãos deveriam estar sempre livres: quaisquer cargas deveriam ser carregadas em mochilas de alça dupla □ as de alça única

11. Segundo Braun (1996), esta máxima de Jahn é uma apropriação feita pelo autor de um lema estudantil do século XVI.

12. Segundo Rocker (1949), Jahn levou as questões do nacionalismo e a francofobia a tal ponto que incomodou muitos de seus companheiros patrióticos. Para o autor, Jahn não desenvolveu nenhum pensamento político próprio, e seu temperamento violento e, sua intolerância sem limites, que não respeitava qualquer opinião que se demonstrasse anti-alemã, evidenciam-no como um precursor do nacional-socialismo que se estabelecerá na Alemanha a partir da década de 1930.

e/ou transversal são prejudiciais à saúde. A melhor forma de exercitar a habilidade do caminhar seriam as excursões.

A corrida é considerada, quando feita de forma cautelosa, como “um exercício muito salutar especialmente para o peito e pulmões” (JAHN, 1967, p.7). Durante seu exercício, a inspiração e expiração devem acontecer mais pelo nariz do que pela boca e ocorrer de forma proporcionada □ “correr sem ofegar!” (JAHN, 1967, p.8). O ginasta deveria atentar-se a algumas normas para a prática da corrida: executá-las preferencialmente em dias frescos, no início da sessão de ginástica e sempre a favor do vento. O correr é uma atividade que exige paciência e perseverança do ginasta, pois não se consegue habilidade e resistência na corrida realizando-a apenas uma vez: é necessário executá-la frequentemente e buscar sempre persistir um pouco mais.

Além das descrições dos exercícios acima citados, Jahn também dedica algumas páginas à esgrima, ao nado, à equitação, à dança, aos exercícios de guerra para a juventude, e à patinação.

Nadar é uma atividade de extrema importância, mas que não deve ser praticada juntamente com os outros exercícios do *Turnen*. Para que possa ser praticada em segurança, é necessário que o Estado intervenha, construindo instalações apropriadas para o nado. Segundo Jahn, o nado não deve ser embelezado com movimentos inúteis: quando alguém está se afogando, não há muito tempo para agir.

Se no verão houvessem professores de nado distribuídos pelo país, então os mais infelizes não anunciariam afogamentos, e também nem tantos homens na flor da idade morreriam de monstruosas doenças causadas pela falta de banho. Um não-nadador tem sempre medo da água e, por medo, segue lastimável para o túmulo com a sujeira da pele que ele juntou a vida inteira. (JAHN, 1967, p. XV)

É importante observarmos que este é um dos raros momentos em sua obra que Jahn tratará de uma prática corporal a partir de um olhar mais diretamente voltado para as questões da saúde, indo ao encontro dos preceitos higiênicos que começavam a entrar em voga no período.¹³

A equitação também é vista como uma atividade dependente de auxílio estatal e de grande importância. Para Jahn, todos os ginastas a partir dos 16 anos que já tenham adquirido aptidão nos exercícios do salto sobre o cavalo deveriam ter a chance de aprender a cavalgar. Este exercício não é indicado para pessoas mais jovens, uma vez que é “prejudicial ao crescimento, saúde e moralidade” (JAHN, 1967, p.XVI). Segundo sua argumentação, o contato muito precoce com os cavalos degrada o jovem, levando a ele a escuridão da vida adulta e aristocrática

13. Sobre este tema ver: VIGARELLO, Georges. *O limpo e o sujo*. São Paulo: Martins Fontes, 1996

e induzindo-o ao esbanjamento e vícios fúteis.

Os exercícios de guerra, mesmo quando sem armas, são considerados um por Jahn ótimo formador das boas maneiras masculinas que

despertam e intensificam o sentido de ordem, habitam à obediência e atenção, ensinam o indivíduo a se submeter como membro de um grande todo. Um grupo de guerreiros bem treinado é um espetáculo da mais alta união de força e vontade. Cada ginasta deve amadurecer um homem da defesa. (JAHN, 1967, p. XVII)

Esta questão do “sentido de ordem” e da “submissão como membro de um grupo” também está presente no discurso de Jahn sobre os jogos. Conforme aponta Tesche (2002, p. 85), fica claro que enquanto os exercícios ginásticos acentuam o aspecto corporal do *Turnen*, os jogos ginásticos podem ser apontados como salientadores de seu aspecto social. Jahn os avalia como parte essencial do *Turnen*, sem os quais esta manifestação corporal não poderia prosperar, uma vez que

os jogos ginásticos constituem a passagem para a grande vida em sociedade e guiam as cirandas da juventude. Aqui se une trabalho e prazer, seriedade e júbilo. Neles, os jovens aprendem, desde pequenos, direitos e regras. Nos jogos há moral, costumes, conveniência em viva contemplação para os olhos. (JAHN, 1967, p. 169-170)

Os jogos configuravam-se, portanto, como peça-chave para alcançar os objetivos que Jahn traçara para seu *Turnen*, ou seja, a formação de cidadãos que soubessem viver em sociedade e, principalmente em nome do bem comum. Para Jahn, é no campo de jogo que os meninos podem conhecer todos os aspectos de seus companheiros, sejam eles bons ou ruins¹⁴. Neste meio, criam-se os apelidos, medem-se as forças, enfim, a juventude se educa em um ambiente de companheirismo.

Nem todos os jogos, todavia, seriam propícios à formação do cidadão: alguns critérios deveriam ser seguidos para que eles pudessem ser enquadrados como “jogos ginásticos”. Os jogos sentados eram os primeiros a serem excluídos, pois um jogo ginástico deveria ter movimento e, de preferência, coletivo. São excluídos, também, da lista de Jahn, aqueles que estimulassem a ganância e dependessem da sorte. Por fim, havia ainda algumas regras que deveriam ser observadas para que um jogo pudesse fazer parte do repertório do *Turnen*, como ter regras de fácil compreensão, não requerer dispositivos complexos, possibilitar a participação de

14. Na França, Amoros fazia considerações similares a respeito dos jogos. Conforme aponta Soares (2002), os jogos eram considerados por este pedagogo como a atividade que melhor permitia ao professor observar o caráter e os vícios de seus alunos.

um grande número de pessoas, bem como apresentar uma conveniente alternância entre esforço e descanso (JAHN, 1967, p.172)

Em seu livro, Jahn descreve cinco exemplos de jogos¹⁵ que considera adequados para a formação do ginasta. Além de reunirem grandes quantidades de pessoas, todos apresentam em suas dinâmicas situações de caça e fuga. Além do mais, todos estes jogos devem ser praticados no período do *Turnen*, bem como sob a supervisão de um instrutor.

UM MANUAL DE EDUCAÇÃO CORPORAL E MORAL: OS CÓDIGOS DE CONDUTA

Em seu manual de ginástica, além das descrições de exercícios físicos, aparelhos de ginástica e jogos que supostamente contribuiriam para a formação de um espírito de coletividade na juventude alemã, Jahn traz, também, um “código de conduta” do ginasta, no qual expõe prescrições com relação, entre outros temas, ao instrutor, às vestes apropriadas para a execução dos exercícios e aos comportamentos esperados daqueles que fizessem parte desta “comunidade”.

O instrutor de ginástica é descrito por Jahn como uma pessoa que, mais próxima da juventude, seria responsável pela proteção dos “futuros pilares do Estado, das luzes da Igreja, e das honras da Pátria” (JAHN, 1967, p.215). O professor de ginástica deveria se esforçar para ser hábil em cada um dos exercícios, pois apenas a partir da experimentação seria possível ensinar bem os movimentos e perceber os efeitos que cada um produz no corpo. Ele precisaria ser um bom exemplo, tanto dentro como fora da praça ginástica, abstendo-se de hábitos não pertinentes à juventude (como o fumar e beber), sendo sempre pontual, trabalhando pelo cumprimento das regras, tendo uma relação amigável com seus alunos, destituída da rigidez escolar, buscando sempre conhecer aqueles que estão sob sua supervisão, descobrindo as singularidades de cada um e conduzindo o diálogo com a juventude de forma instrutiva, atuando entre os ginastas como um “amigo, organizador, árbitro, conselheiro e alertador”.

Durante as tardes de ginástica, tanto o professor quanto os monitores dos exercícios seriam responsáveis por manter a ordem na praça ginástica e, quando necessário, ensinar os exercícios aos grupos. No primeiro período, em que os jovens estariam livres para escolher quais exercícios queriam praticar, o professor teria a oportunidade para melhor observá-los, conhecendo melhor suas habilidades, necessidades e progressos. Apenas na segunda metade da sessão de ginástica

15. Tesche (2002) traz a tradução de “homem de preto” e “cavaleiro e burguês”.

os jovens seriam divididos em grupos (determinados pela idade) e seguiriam seus monitores para a execução dos exercícios planejados para aquela sessão. Buscava-se, assim, garantir que todos os exercícios ginásticos sejam aprendidos.

O código de comportamento presente em *A Ginástica Alemã* ditava o que era permitido ao ginasta e como ele deveria agir. Aqueles que quisessem fazer parte desta comunidade deveriam prometer viver segundo a ordem ginástica, com fé em Deus e em favor do bem comum. Mau humor, inimizade, rancor e ódio eram considerados sentimentos que não deveriam ser cultivados pelo ginasta, especialmente nos períodos de exercícios, no caminho para a praça ginástica e nos passeios: um ginasta deveria exercitar-se em “paz, alegria e amizade” (JAHN, 1967, p.236).

Na *Turnplatz*, é permitido alimentar-se apenas de pão seco e água, em local apropriado para isso e no horário determinado: “quem não saboreia pão seco não tem fome e pode conformar-se até chegar em casa. Quem não se refresca com água, ou não tem sede, ou não se exercitou muito tempo” (JAHN, 1967, p.230). Todos deveriam estar vestidos com o mesmo traje cinza, feito de tecido maleável e resistente e acessível a todos, para que não houvesse diferenças entre os membros da comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O movimento lançado por Jahn e institucionalizado em 1816, com a publicação de *A Ginástica Alemã*, tinha como principal objetivo, portanto, formar uma juventude moral e fisicamente forte, que trouxesse em si um espírito de camaradagem, buscasse sempre o bem da comunidade e trabalhasse em benefício do Estado alemão, livre do domínio francês e rumo à unificação.

Ao contrário de outros manuais de ginástica do período, a obra de Jahn não traz uma argumentação fortemente pautada em questões médico-científicas. Embora traga em seu livro referências de obras que tratem deste aspecto¹⁶ e, em alguns momentos, demonstre uma preocupação com questões relativas à saúde e à higiene (como o exemplo do uso das mochilas de alças duplas para evitar desvios posturais, ou a importância do nado na limpeza corporal), Jahn se utiliza muito mais de argumentos relacionados a questões políticas e a preceitos veiculados pelo movimento nacionalista alemão do início do século XIX.

16. Em seu manual, Jahn traz uma sessão com referências sobre diversas temáticas referentes à educação física. Entre as indicações, encontram-se os manuais escritos por Guts Muths e obras de reconhecidos médicos do período, como Johann Peter Frank e Samuel Auguste André Tissot.

“German Gymnastics”: Aspects of the Work of Friedrich Ludwig Jahn

ABSTRACT: During the nineteenth century we observe the development of the first systematizations of physical exercise in Europe. In Germany, one of the most important handbook about this subject was “Die Deutsche Turnkunst” (German Gymnastics), published by Friedrich Ludwig Jahn, in 1816, and heavily influenced by political ideals. This papers aims at analyzing this work of Friedrich Ludwig Jahn.

KEYWORDS: History of Gymnastics; Germany; Turnen; Jahn.

“La gimnasia alemana”: aspectos de la obra de friedrich ludwig jahn

RESUMEN: El siglo 19 marca el advenio de las primeras sistematizaciones de los ejercicios físicos en Europa. En Alemania, uno de los más importantes manuales sobre esta temática fue publicado por Friedrich Ludwig Jahn, en 1816, intitulado “Die Deutsche Turnkunst” (La Gimnasia Alemana). Este trabajo tiene como propósito establecer una aproximación con esta obra de F.L.Jahn.

PALABRAS CLAVES: Historia de la gimnasia; Alemania; Turnen; Jahn.

REFERÊNCIAS

BARTMÜß, H.J. Gedanken zur Jahn-Tradition. In *Jahn-Report*, n.9, 1998. Disponível em <http://www.jahn-gesellschaft.de/texte/Bartmuss-Gedanken%20zur%20Jahn-Tradition.pdf>, Acesso em 28 fev. 2009.

BRAUN, H. Der Turner/-innen Gruß und Symbol. In *Jahn-Reporte*. 1996. Disponível em <http://www.jahn-gesellschaft.de/>, acesso em 28 fev. 2009.

CAMPOS, C. M. *A política da língua na era Vargas: proibição do falar alemão e resistências no sul do Brasil*. 1998. 348f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998. Disponível em: <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=000135324>, acesso em 13 set. 2009.

ELIAS, N. *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Jorge Zahar Editor Ltda. Rio de Janeiro, 1997.

FOUCAULT, M. *Segurança, Território e População*. São Paulo: Martins Fontes, 2008

GUTSMUTHS, J. C. F. *Gymnastik für die Jugend*. 1793. Schnepfenthal: Verlag der Buchhandlung der Erziehungsanstalt .

HOBSBAWN, E. A *Era das Revoluções: 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

_____. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

- JAHN, F.; EISELEN, E. (1816) *Die Deutsche Turnkunst zur Einrichtung der Turnplätze*. Stuttgart: Verlagsdruckerei Conradi & Co, 1967.
- KITCHEN, M. *A History of Modern Germany: 1800-2000*. Oxford: Blackwell Publishing, 2007.
- LANGLADE, A; LANGLADE, N R. *Teoria General de la Gimnasia*. Buenos Aires: Editorial Stadium, 1970.
- LEONARD, F. E. *A Guide to the History of Physical Education*. 2ª ed. Philadelphia: 1927.
- PEREIRA, C. F. M. *Tratado de Educação Física. Problema Pedagógico e Histórico*. Lisboa: Bertrand, s/d. v. I.
- POLIAKOV, L. *De Voltaire a Wagner – história do anti-semitismo III*. São Paulo: Perspectiva, 1968.
- _____. *O Mito Ariano*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- PFISTER, G. *Spiele in der Turnbewegung*. In: DEUTSCHER TURNER-BUND. *200 Jahre Turnbewegung – 200 Jahre soziale Verantwortung. Beiträge zur Entwicklung des Turnens in Deutschland*. Frankfurt: Deutsche Turner-Bund, 2011.
- QUITZAU, E. A. „O trabalho na forma de alegria juvenil”: a ginástica segundo Johann Christoph Friedrich Guts Muths. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte*, Porto Alegre, v. 34, n. 2, June 2012.
- ROCKER, R. *Nacionalismo y Cultura*. Buenos Aires, 1949.
- ROSEN, G. *Da polícia médica à Medicina Social*. Edições Graal Ltda, 1980.
- ROUSSEAU, J. J. *Emílio, ou, Da educação*. São Paulo: Divisão Européia do Livro, 1968.
- SHEEHAN, J. J. *German History: 1770-1866*. Oxford: Clarendon Press, 1989.
- SOARES, C. L. *Educação Física: raízes europeias e Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2001.
- _____. *Imagens da Educação no Corpo*. Campinas: Autores Associados, 2002.
- TESCHE, L. *O Turnen, a Educação e a Educação Física nas Escolas Teuto-Brasileiras no Rio Grande do Sul: 1852-1940*. Ijuí: Unijuí, 2002.
- ULFKOTTE, J. *Gutsmuts und Jahn: Wegbereiter der modernen Bewegungskultur in Deutschland*. In: DEUTSCHER TURNER-BUND. *200 Jahre Turnbewegung – 200 Jahre soziale Verantwortung. Beiträge zur Entwicklung des Turnens in Deutschland*. Frankfurt: Deutsche Turner-Bund, 2011.
- VIGARELLO, G. *O limpo e o sujo*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- WILLIAMSON, G. S. *The longing for myth in Germany*. Chicago: The University of Chicago Press, 2004.

Recebido em: 7 abr. 2013
Aprovado em: 7 ago. 2013